

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

## Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

### Nota de apresentação

<http://hdl.handle.net/11067/5472>

### Metadados

<b>Data de Publicação</b>	2011
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 08 (2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T08:56:46Z com informação proveniente do Repositório

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

O ano de 1961 foi um momento de viragem na História de Portugal da segunda metade do século XX. Embora os problemas políticos nos territórios ultramarinos sob administração nacional, tivessem começado no Estado da Índia com a perda de Dadrá e Nagar-Haveli no ano de 1954. A posterior ocupação militar, em 1961, pela União Indiana de Goa, Damão e Diu, deu origem à primeira consciencialização da opinião pública lusa das mudanças radicais, operadas no mundo posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os equilíbrios mundiais da Guerra Fria (1947-1989) assentavam num confronto entre a U.R.S.S. e os E.U.A., detentores de um poderoso arsenal nuclear. O “equilíbrio do terror” traduzia a impossibilidade de um conflito militar directo entre as duas superpotências hegemónicas. O receio de um Armagedão nuclear, capaz de destruir a humanidade, obrigava-as a substituir esta “guerra quente” por uma “guerra fria” global travada através de terceiros. Eram geralmente os seus aliados que se confrontavam directamente em “guerras quentes” com o auxílio e apoio dos dois países. A vitória, derrota ou empate, permitia uma avaliação constante da capacidade que cada um tinha de preservar, ou alargar, o espaço geoestratégico que dominava. Todavia, a existência de países como a União Indiana ou a Jugoslávia, que não alinhavam em nenhum dos campos, complicava o jogo e obrigava a um investimento político de cada superpotência nestas áreas “neutras”. A União Indiana tinha uma especial relevância nesta luta, o que explica o isolamento internacional de Portugal e o seu abandono, por parte das potências ocidentais, da preservação dos territórios do Estado da Índia. A guerra, iniciada em Angola em 1961, estendeu-se nos anos posteriores a Moçambique e à Guiné. Iniciou-se, assim, um período marcado por um esforço destinado a manter o domínio nacional sobre esses territórios especialmente intenso, nos campos político, militar e diplomático. A importância destes acontecimentos, para a compreensão da história do nosso país, justifica a consagração deste número a este tema ao qual é dedicado o Dossier. Os três artigos que o compõem abordam a questão sobre perspectivas diferentes, mas complementares. Nuno de Oliveira faz um exaustivo balanço historiográfico do tema, obrigando a repensar muitas das visões tradicionais. Abílio Pires Lousada foca-nos os problemas militares da estratégia nacional e Nuno Simão Ferreira fornece-nos uma imagem das concepções da oposição portuguesa no início do

conflito. Na Vária, José Mattos e Silva e António Mattos e Silva debruçam-se sobre a difícil questão da identidade de Cristóvão Colombo. Isabel M. R. Mendes Drummond Braga e Paulo Drummond Braga dão-nos, em dois artigos, uma análise original dos aspectos sociais, mentais e culturais do Santo Ofício. José Vicente de Bragança descreve-nos as transformações na Banda das três Ordens Militares nos finais do século XIX e inícios do seguinte. Ricardo Pessa fala-nos do património móvel do Convento de Nossa Senhora do Cardal em 1834. José Luís Andrade aborda o tema da intolerância, na análise da revolta popular contra o governo mexicano nos anos 20 do século XX. Isabel Baltazar descreve-nos os esforços de Winston Churchill, em prol da paz na dupla perspectiva do escritor, do político e do militar. Júlio Rodrigues da Silva analisa as reflexões de Francisco Pinto Cunha Leal sobre a democracia, nos anos imediatamente subsequentes à crise de 1929. José d'Assunção Barros foca-se na abordagem de Paul Ricoeur da narrativa histórica. Miguel Metelo Seixas fornece-nos os resultados de uma exaustiva investigação sobre a heráldica de Macau. Paulo Moraes Alexandre procura descrever-nos a relação entre o Gabinete de Heráldica do Exército e as armas da freguesia de Valadares. Nuno Oliveira produz duas recensões críticas sobre duas obras referentes ao reinado de D. Sebastião e de D. João IV e Abílio Pires Lousada sobre o livro "Em nome da Pátria".

Oeiras, 31 de Janeiro de 2012

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva